

Senhor Acadêmico Paulo José de Oliveira - Presidente da Academia Formiguense de Letras (AFL);  
Senhora Acadêmica Edna Marilda Mendes da Silva - Presidente da Academia Matozinhense de Letras ( AMALETRAS);  
Senhor Acadêmico Wilson Alves Figueira - Vice-Presidente da AFL;  
Senhora Acadêmica Ana Cecília - Secretária da AFL;  
Senhor Acadêmico Antônio Damasceno - meu padrinho e entronizador na AFL;  
Senhores e Senhoras Novos Acadêmicos Efetivos: Maria Lúcia, Victor Mendes e Túlio Almeida e Acadêmicos Correspondentes Nacionais: Subtenente Araken, Arnaldo Ribeiro, Rosemary Bertolucci, Clério Borges, Fernanda da Cruz e Monsyerrá Batista “Anísio Silva”.  
Senhoras Acadêmicas, Senhores acadêmicos;  
Senhoras, senhores

Desde que por distinção da direção, fui convidado a inscrever-me no processo seletivo para Acadêmico Correspondente Nacional desta insigne e importante agremiação literária, a qual congrega intelectuais das humanidades e das letras, exatamente às 10h38 do dia 25/04/2021 recebi uma mensagem nos seguintes termos: *Nobre Acad. Cel. Furtado, passo aqui para um especial convite, ao qual repasso-lhe aqui nosso Edital. Venha cerrar fileiras em nosso sodalício como Acadêmico Correspondente. Dê-nos essa honra e alegria.*

Destarte, como tudo o que antecede e a ocorrer em minha vida, levou-me a uma reflexão: quais motivos teriam impulsionado o magnânimo e honorável presidente Paulo José, a dirigir-me tal convite?

Questionamentos passaram a povoar minha mente em busca de prováveis respostas. Como um profissional de segurança pública, eterno aprendiz das nuances estratégicas, busquei nos ensinamentos do publicitário estadunidense Alex Osborn, para realizar ainda que mentalmente, um pequeno Brainstorm, uma “Tempestade de Ideias”, a fim de que aos poucos, pudesse ir eliminando algumas probabilidades, tentando chegar assim a uma resposta.

Seria a intelectualidade? Seria a poesia? Seria a arte de escrever? Seria a minha ligação com o glorioso Estado de Minas Gerais? Seria o fato de ser um policial militar? Seria a possibilidade de integração regional? Seria a possibilidade do desenvolvimento de atividades culturais acadêmicas em conjunto? Ou seria o fortalecimento da cultura na visão de um idealista?

Bem, em verdade, confesso-lhes que não cheguei a um denominador comum até porque em relação as três primeiras suposições, estou certo de que não preencho os requisitos, em relação às demais poderiam ser qualquer uma delas, outrossim, não cheguei a trocar com o referido eminente representante das letras formiguenses quaisquer diálogo que me levassem a uma conclusão.

Posso entretanto, afirmar que a convivência fraterna e amiúde com o povo mineiro, com o qual nutro profundo carinho, respeito e admiração, me fez, aceitar o desafio, afim de que pudesse submeter meu humilde currículo a apreciação do egrégio grupo da assembleia geral do sodalício, tentando galgar uma das cadeiras disponibilizadas, conforme as orientações editalícias e assim tivesse a oportunidade de aqui estar presente neste momento ímpar, ampliando meu leque de amizades fraternas.

Necessário se faz, relatar-lhes que durante três anos, entre os idos de 1985 a 1987, em um projeto desenvolvido pela Inspetoria Geral das Polícias Militares (IGPM) do Exército Brasileiro, à época, que buscava a integração entre as várias Unidades da Federação, fui selecionado, após um processo seletivo na Polícia Militar do

Maranhão e designado para em Belo Horizonte, frequentar o Curso de Formação de Oficiais na Academia de Polícia de Minas Gerais da gloriosa Polícia Militar.

Não tenho a menor dúvidas de que foi uma das experiências mais enriquecedoras de minha vida profissional, onde aprendi as melhores técnicas policiais militares. A PMMG, tradicionalmente sempre foi uma das corporações mais reconhecidas do país. Estar em Belo Horizonte incorporando conhecimentos, me permitiu também nutrir uma convivência fraterna durante esse tempo, com maravilhosos irmãos mineiros, alagoanos, amazonenses, brasilienses, cearenses, espiritosantenses matogrossenses, paraibanos, piauienses, rodonienses e sergipanos, os quais até hoje, mantemos laços fraternos de amizade, pois, neste conglomerado de brasileiros oriundos de vários Estados, ao final de nosso curso, retornamos aos nossos torrões natais; levamos um pouco de Minas Gerais, mas, deixamos um pouco de nós.

Entretanto, retomando a minha avaliação inicial às 10h53, do dia 11/05/2021, retornei uma mensagem via whatsapp com o seguinte teor: *Honorável Presidente PAULO JOSÉ. Extremamente honrado com a vossa deferência, resolvi aceitar seu singular convite para integrar essa Augusta Casa "AFL" como SÓCIO CORRESPONDENTE.*

Nas divagações de quem escreve é oportuno lembrar que no dia de ontem, comemorou-se "O Dia Nacional da Ciência e da Cultura". Ainda sob os auspícios da significativa data, instituída pela Lei 5.579 de 15/05/1970, verifica-se que em sua justificativa, homenageia-se o natalício de figuras exponenciais das letras e das ciências com relevância para as normas de divulgação da vida e obra de Rui Barbosa, nascido em 05/11/1849. Apesar de ter se passado mais de meio século do advento desta lei, talvez ainda não tenhamos nos apercebido, o que nos foi legado.

Então pesquisando a relevância que se sobressai dos dois vocábulos, encontramos relativa explicação no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa do filólogo, lexicógrafo, tradutor, crítico literário, professor e diplomata brasileiro Antônio Houaiss que estabelece que a ciência é um "corpo de conhecimentos sistematizados adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, formulados metodicamente e racionalmente.

Enquanto que a cultura seria um complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas artes, ciências humanas e afins.

Se nos dedicássemos a exemplificar outros aspectos ligados a tão palpitantes temas, iríamos exatamente verificar que tanto um como outro, comporta uma infinidade de significações que muita das vezes não nos damos conta.

Socorrendo-me das palavras do meu conterrâneo Edmilson Sanches, para ele, cultura, além de outros significados está implícita a sensibilidade, a elaboração, a construção, a composição, a técnica, a oferta, a aquisição, a disseminação de um serviço (por exemplo: cantar, declamar, discursar, palestrar, contar histórias, dançar etc.) e no caso de um produto (um livro, disco musical, uma pintura, foto, escultura, peça de artesanato etc). E eu vou mais além, a cultura é o nível de representatividade de um povo, onde reside sua criatividade, sua sapiência, seus sentimentos, suas crenças, sua produtividade, sua magia, suas relações, seus encantos e foi exatamente tudo isso que me fez aceitar o honroso convite do afoleano mui digno Acadêmico Paulo José de Oliveira, para que pudesse partilhar convosco das nossas experiências.

Transposto os umbrais da da Academia Formiguense de Letras, cabe tecer as considerações sobre o Patrono de minha cadeira o poeta Antônio Gonçalves Dias.

Escritor, advogado e etnógrafo.

É lembrado como o grande poeta indianista da geração romântica. Deu romantismo ao tema índio e uma feição nacional à sua literatura.

É lembrado como um dos melhores poetas líricos da literatura brasileira.

É Patrono da cadeira nº 15 da Academia Brasileira de Letras.

Gonçalves Dias, nasceu nos arredores de Caxias, no Maranhão, no dia 10 de agosto de 1823 (portanto, o bicentenário de seu nascimento em 2023, ocorrerá exatamente daqui a 19 meses e 4 dias). Filho de um comerciante português e uma mestiça iniciou seus estudos no Maranhão e ainda jovem viajou para Portugal.

Em 1838 ingressou no Colégio das Artes em Coimbra, onde concluiu o curso secundário. Em 1840 matriculou-se na Universidade de Direito de Coimbra, onde teve contato com escritores do romantismo português, entre eles, Almeida Garret, Alexandre Herculano e Feliciano de Castilho.

Ainda em Coimbra, em julho de 1843, escreve seu famoso poema "Canção do Exílio", onde expressa o sentimento da solidão e do exílio.

Novamente invoco a figura do meu Confrade Edmilson Sanches que junto integramos a Academia Maranhense de Ciências, quando em obra de sua lavra relata que nessa época, Gonçalves Dias morava na Rua de São Salvador, onde perto passa o rio Mondego que é o maior rio genuinamente português com 258 quilômetros de extensão (mondego vem de "Munda", palavra latina que significa "puro", "transparente", e foi o nome que os romanos deram ao rio quando César Augusto, fundador do Império Romano, fundou a cidade, com o nome "Aeminium" (Emínio = "elevação", em Latim), na área da atual Coimbra).

Porque narro esta particularidade? Exatamente porque para os estudiosos de Gonçalves Dias e sua obra, ainda não se tem conhecimento onde exatamente ocorreu a inspiração e a forma final da "Canção do Exílio".

Se insisto em lhes falar especificamente dessa obra é porque o também Edmilson Sanches lança a todos uma indagação: porque a "Canção do Exílio" se tornou tão popular. O que nela há que leva outros escritores, poetas, autores, pesquisadores a apropriarem-se honrosa e honradamente, humilde e humoradamente do título e dos versos dela em títulos e em versos deles? Livros de poesia e prosa, obras teatrais e musicais, trabalhos acadêmicos da graduação ao pós-doutorado), são muitos os esforços e realizações intelectuais, culturais, artísticos, literários, musicográficos sobre ou inspirados naquele poema gonçalvino. E complementa: que magia, fascínio, encantamento se esconde e se revela por aquelas cinco estrofes (três quadras ou quartetos e duas sextilhas) com 24 versos, 113 palavras, 487 letras?

O romancista Machado de Assis assegurou, a plena voz: a "Canção [do Exílio] está em todos nós" em discurso em junho de 1901, no Rio de Janeiro (RJ), quando se inaugurava um busto do Poeta.

Wilton José Marques, pós-doutor pela Unicamp, também não economiza: "Desde o seu aparecimento em 'Primeiros Cantos' (1846), a 'Canção do Exílio' [...] tornou-se uma unanimidade geral [...]". E ainda: "[...] a natureza brasileira atingiu com a 'Canção do Exílio' uma dimensão única, elevando-se à condição diferenciada de símbolo de nossa nacionalidade e depois de outras considerações, finaliza, como últimas palavras de seu texto, afirmando que esse poema "fundou por si uma tradição na literatura brasileira que, ainda hoje, encontra ecos".

Lúcia Miguel Pereira, na sua conhecida e reconhecida biografia do poeta maranhense, "A Vida de Gonçalves Dias", de 1943, mencionou "o valor de mostrar a repercussão dos versos de Gonçalves Dias" ao fazer uma anotação sobre uma paródia da "Canção do Exílio", uma das primeiras, publicada em jornal de janeiro de

1848, exatos dois anos após a circulação dos exemplares de “Primeiros Cantos”, em janeiro de 1847 (mas o ano de edição consignado no livro é 1846).

Um dos mais conhecidos filólogos e dicionaristas da Língua Portuguesa, também crítico literário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira publicou em 1958 uma obra de ensaios, “Território Lírico”. O livro traz 12 textos, que tratam, entre outros, dos poetas portugueses Antero de Quental, Camões e Fernando Pessoa, do poeta francês Paul Verlaine, do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade... e de Gonçalves Dias. Aliás, é com o poeta maranhense que Aurélio Buarque abre sua coletânea ensaística e lhe dedica um trabalho de 11 páginas.

Manuel Bandeira, poeta, tradutor e crítico pernambucano, no trabalhoso e magnífico estudo “A Poética de Gonçalves Dias”, que integra seu livro “Gonçalves Dias: Esboço Biográfico”, de 1952, dizia da “amorável musicalidade de muitos dos seus poemas [de Gonçalves Dias]”, entre eles a “Canção do Exílio”. Segundo Bandeira, “foi, sem dúvida, Gonçalves Dias o poeta brasileiro que mais profundamente e extensamente versou a nossa língua [...]”.

Para não tornar ainda mais exaustivas as exemplificações acerca da importância e da influência da “Canção do Exílio”, retornemos a Carlos Drummond de Andrade, o mineiro que foi considerado, em sua época, o maior poeta vivo do Brasil (depois de seu falecimento, em agosto de 1987, foi sucedido pelo pernambucano João Cabral de Mello Neto [1920-1999] e este, pelo maranhense Ferreira Gullar e, com a morte deste, em 2016, dizem que o informal título de maior poeta vivo estaria com o sóbrio, disciplinado, enfim, apolíneo Salgado Maranhão, não por acaso nascido na mesma Caxias maranhense.

Assim, aquela poesia que se alguém disser “Minha terra tem palmeiras”, é quase certo que outra pessoa, ouvindo, completará, no silêncio da mente ou audivelmente: “Onde canta o sabiá”.

Embora não seja uma medida científica, mas uma simples consulta por meio de um serviço de busca na rede mundial de computadores (Internet) diz um pouco da força desse poema, inclusive comparado a outro de muitas referências: “No Meio do Caminho”, do mineiro Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, à zero hora de 1º de agosto de 2020, no “site” do buscador mais acessado do mundo, o Google, a expressão “No meio do caminho tinha uma pedra” contava com 50.700 registros. A expressão “Minha terra tem palmeiras” aparecia 62.700 vezes, e “Canção do Exílio”, 147.000 vezes.

Finalizando. Em 1845, depois de formado em Direito, Gonçalves Dias voltou para o Maranhão. Ocupou vários cargos no governo imperial e realizou diversas viagens à Europa. Em 1846 foi para o Rio de Janeiro e em 1847 publicou o livro “Primeiros Cantos”, que recebe elogios de Alexandre Herculano, poeta romântico português.

Ao apresentar o livro, Gonçalves Dias confessa: “Dei o nome Primeiros Cantos às poesias que agora publico, porque espero que não sejam as últimas”. Em 1848 publica o livro “Segundos Cantos”.

Em 1849, é nomeado professor de Latim e História do Brasil no Colégio Pedro II. Durante esse período escreve para várias publicações, entre elas, o Jornal do Comércio, a Gazeta Mercantil e para o Correio da Tarde. Nessa época funda a Revista Literária Guanabara. Em 1851, Gonçalves Dias publica o livro “Últimos Cantos”. Regressa ao Maranhão e conhece Ana Amélia Ferreira do Vale, por quem se apaixona. Por ele ser mestiço, a família dela proíbe o casamento.

Mais tarde casa-se com Olímpia da Costa.

Gonçalves Dias exerceu o cargo de oficial da Secretaria de Negócios Estrangeiros, foi várias vezes à Europa e em 1854, em Portugal, encontra-se com Ana

Amélia, já casada. Esse encontro inspira o poeta a escrever o poema "Ainda Uma Vez — Adeus!".

Em 1862, Antônio Gonçalves Dias vai à Europa para tratamento de saúde. Sem resultados embarca de volta no dia 10 de setembro de 1864.

No dia 3 de novembro o navio francês Ville de Boulogne em que estava, naufraga perto do Farol de Itacolomi, na costa do Maranhão, onde o poeta falece.

Finalizo, declamando à todos vós, o que considero o maior poema nacional.

### Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde Canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

*Carlos Furtado (São Luís/MA).*